

## **O CRIACIONISMO NA CONTROVÉRSIA MODERNISTA- FUNDAMENTALISTA NA AMÉRICA DO NORTE**

*Ivan Dias da Silva<sup>1</sup>  
Roney de Seixas Andrade<sup>2</sup>*

**Resumo:** A proposta do presente artigo é o estudo da controvérsia criacionismo-evolucionismo no âmbito dos debates públicos entre as correntes teológicas fundamentalista e liberal no seio das igrejas protestantes dos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX. Entendemos, assim, que tal controvérsia se deu entre uma concepção literalista da Bíblia que defendia o criacionismo conforme literalmente apresentado nos textos bíblicos e outra concepção chamada de “liberal” ou “modernista” que assumiu os critérios da Alta Crítica e buscava ajustar a interpretação da Bíblia às teses propostas pela ciência moderna, inclusive pelo modelo evolucionista darwinista.

**Palavras-chave:** criacionismo, evolucionismo, fundamentalismo, liberalismo teológico.

### **PARTE I**

#### **A Controvérsia Criacionista-Evolucionista na Convenção Batista do Sul dos EUA**

##### **Introdução**

A Convenção Batista do Sul dos EUA (SBC – Southern Baptist Convention), foi organizada no ano de 1845 baseada em uma perspectiva teológica protestante e conservadora, natural para o contexto histórico de sua fundação, vivenciou ao longo de sua história modificações sócio-culturais e religiosas que inevitavelmente investiram sobre seu modo de ser e de se organizar, afetando-o, modificando-o e moldando-o. A teologia normativa da SBC, originalmente ortodoxa e conservadora, viu-se obrigada a dividir espaços e a conviver com uma nova teologia, de matriz modernista, que se apresentava e expandia em seu âmbito já no final do século XIX.

A paulatina adesão às concepções do método histórico-crítico à filosofia existencialista, à teoria evolucionista e ao estudo das religiões comparadas abriu profundos questionamentos à interpretação batista ortodoxa do texto bíblico e implicou até mesmo em uma rejeição do sentido de parte ou de todo de seu conteúdo, uma vez que tal adesão investe

---

1       Doutorando e mestre em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião no Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora – Bolsista CAPES, com estágio PDSE/CAPES na Baylor University (Texas – EUA).

2       Doutorando e mestre em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião no Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora – Bolsista CAPES, com estágio PDSE/CAPES no Fuller Seminary (Califórnia – EUA).

sobre a base sustentadora mesma da visão fundamentalista (e da conservadora também): a inerrância, o literalismo e a inquestionabilidade da Bíblia.

Os simpatizantes e defensores do modernismo teológico, após estudarem nos principais centros de difusão do pensamento liberal (principalmente a Alemanha), retornaram aos EUA, e passaram a ensinar nos seminários teológicos financiados pela SBC a nova perspectiva teológica. Não é demais lembrar que esses professores eram remunerados pelos batistas do Sul através do Plano Cooperativo da SBC e escreviam textos publicados pela editora desta denominação. O suporte para esta atividade docente e literária foi dado pela burocracia institucional da referida denominação, adepta da nova teologia liberal, mas que através da estratégia de manter a “unidade em meio à diversidade”, abriu-se à uma variedade maior de opções teológicas visando assim manter o *status quo* denominacional.

Os fundamentalistas mostraram-se anteriormente insatisfeitos com tais atitudes e posturas no contexto da SBC e encontraram dificuldade para solucionar o que entendiam ser um problema teológico e religioso, pois a máquina denominacional estava rigidamente administrada e hermeticamente fechada a mudanças em sua ideologia. Aparentemente a situação era imutável. No entanto, surpreendentemente, a ala fundamentalista da SBC conseguiu mobilizar-se no sentido de reverter o quadro reinante e tomar o poder da Convenção. A situação aparentemente irreversível seria revertida por meio da execução de um rigoroso planejamento estratégico levado a cabo em um período de 20 anos que recebeu de seus idealizadores o nome de ressurgimento conservador, mas que, foi efetivamente uma verdadeira emergência fundamentalista.

## **1. Contexto e Expansão da Perspectiva Teológica Liberal na SBC**

O desenvolvimento e expansão da perspectiva teológica liberal entre os batistas do Sul dos EUA não ocorreu de forma repentina, mas através de um processo sutil que se deu ao longo de vários anos. Quando da organização da SBC, em 1845, as diversas interpretações a respeito da natureza da Bíblia que temos hoje quase não existiam entre os batistas, se é que haviam. A inerrância do texto bíblico nunca foi questionada pelos fundadores da SBC, como podemos depreender da descrição de Hefley, ao afirmar que

Jeremiah B. Jeter, primeiro presidente da *Foreign Mission Board* [afirmava]: ‘a maneira da inspiração ... é como um prelúdio à possibilidade de erro nas Escrituras.’ J. M. Foster, fundador e primeiro executivo da *Sunday School Board* [disse que] ‘inspiração é ... a obra especial de Deus no escritor [bíblico] para garantir o registro do texto que o próprio Deus teria escrito.’ B. H. Carroll, fundador do *Southwestern Seminary* [declarou que] ‘a inspiração da Bíblia não significa que Deus disse e fez tudo o que está dito e apresentado na Bíblia’ mas

‘que o registro das palavras e eventos está correto.’ Fundadores de outras instituições e professores de seminários [da convenção] na maior parte do primeiro século da *Southern Baptist Convention* acreditavam da mesma forma (Hefley, 1991, p. 13).

Considerada pelos conservadores e fundamentalistas como uma “tendência aterrorizante”, “diluição de convicções”, “passo trágico”, dentre outras definições de caráter pejorativo, a jornada rumo à nova posição que franqueia uma abordagem histórico-crítica da religião dentro da SBC, seguiu quatro passos básicos e identificáveis que convergiram para esta nova tendência, os quais são: (1) acatamento da abordagem histórico-crítica à Bíblia; (2) absorção da filosofia existencialista; (3) implementação dos estudos das religiões comparadas e (4) a aceitação da plausibilidade do darwinismo (Draper & Keathley, 2001, p. 11). No que nos interessa no presente artigo, destacamos o quarto passo, ou seja ...

## **2. A Plausibilidade Do Darwinismo e seu Impacto no Edifício Teológico Cristão**

O final do século XIX trouxe diversos desafios de ordem intelectual e sociocultural para os batistas e demais protestantes na Grã-Bretanha e América do Norte. Tais desafios representaram um forte impacto que abalou todo o edifício de sua teologia. Segundo Garrett, Charles Darwin “introduziu um conceito de evolução biológica que impactou não apenas as doutrinas cristãs da criação e do homem, mas também as disciplinas a elas relacionadas” (Garrett, 2010, p. 218). Talvez a aceitação da plausibilidade da teoria evolucionista nos EUA possa ser considerada a mais importante mudança ocorrida no âmbito da teologia cristã naquele país. O darwinismo causou um impacto direto no teísmo, na concepção apresentada pela Bíblia a respeito da origem do homem e do mundo, bem como no próprio modo cristão de compreender a natureza e o destino humano. O forte impacto do darwinismo nos EUA pode ser constatado nas palavras de Charles Eliot, reitor da Universidade de Harvard, que em 1909 concluiu que a partir do darwinismo “os cristãos não teriam mais o monopólio da verdade, pois as idéias dos cientistas, dos secularistas ou dos que professavam outra fé seriam igualmente válidas” (Eliot, 2005, p. 20).

Desde a publicação da obra *A Origem das Espécies* de Darwin houve uma mudança na relação entre ciência e religião nos EUA. De acordo com Queen, Prothero e Shattuck, “Apesar dos Protestantes desde o século XVII terem suposto que fé, razão e ciência eram compatíveis, a disseminação das teorias de Darwin sobre evolução orgânica nas décadas da Guerra Civil desafiou a síntese anterior” (Queen II, 2009, p. 388).

Devido à nova visão teológica e acadêmica potencializada pelo recente estudo das religiões comparadas e pelas novas concepções da teologia proporcionadas pelo contexto modernista de interpretação da Bíblia, a SBC viu-se particularmente questionada pela sua corrente liberal, sobretudo no que se refere à ortodoxia teológica e à própria administração institucional. As relações dos atores tradicionais da SBC com os novos seguidores do liberalismo teológico podem ser percebidas através de um momento significativo que passamos a indicar, do confronto entre eles no âmbito desta Convenção, que exemplifica a inadequação teológica do pensamento liberal no contexto conservador.

### **3. A “controvérsia Elliot” – *The Message of Genesis***

Os primeiros tremores do terremoto religioso que viria a ser qualificado como “ressurgimento conservador” datam do início da década de 1960, quando ocorre a denominada “Controvérsia Elliot” (Jonas, 2006, p. 63). Esta, que ficou conhecida como a primeira crise em relação à concepção e interpretação tradicional da Bíblia entre os batistas do Sul dos EUA, veio à tona através da publicação, em 1961, pela *Broadman Press* (editora oficial da SBC), da obra de Ralph H. Elliott, *The Message of Genesis*. No prefácio, Elliot afirma que o seu livro “é um esforço para combinar mente e coração usando os destacados conhecimentos da erudição moderna para desvendar e ressaltar os princípios teológicos e religiosos constituintes das histórias do livro de Gênesis” (Elliott, 1961, p. vii).

Elliott, então professor do *Midwestern Baptist Theological Seminary*, foi imediatamente criticado por defender as novas idéias apresentadas oito anos antes por C. H. Toy a respeito da natureza da Bíblia.<sup>1</sup> Segundo Sutton

Elliott trabalhou com um método histórico-crítico de interpretação no qual, em essência, divorciava a mensagem da Bíblia da história literal. (...) Citando Alan Richardson, ele concluiu que ‘as histórias simbólicas ... não são para serem tomadas como verdade literal.’ Na conclusão de seu modelo hermenêutico, Elliott argumentou que os primeiros onze capítulos de Gênesis eram ‘um prefácio teológico para o restante do livro.’ Ele pressupôs que os escritores bíblicos tomaram emprestado e adaptaram mitos e lendas anteriores, que Adão e Eva não foram personagens históricos, que o dilúvio foi meramente local, que a destruição de Sodoma e Gomorra ocorreu como um fenômeno natural e que Abraão, de fato, não ouviu a voz de Deus instruindo-o a matar Isaque (...). A conclusão a que muitos chegaram durante este tempo foi de que o liberalismo tinha começado a se infiltrar na academia batista do Sul e algo precisava desesperadamente ser feito a respeito disso antes das coisas se tornarem piores (Sutton, 2000, pp. 7, 9).

Elliott afirmou que muitas das estórias do Gênesis eram parabólicas e tinham como objetivo “expressar *insight* histórico profundo” (Fransley II, 1994, p. 19). Dentro desta

perspectiva, elas não narravam eventos verdadeiros, históricos (Elliot, 1961, p. 15). Portanto, enquanto veículo literário, a Bíblia continha erros, mas isto “não necessariamente significa que a mensagem de fé ou o propósito de Deus na mensagem estava errado” (Hefley, 1991, pp. 29-30).

Muito embora esta concepção fosse predominante entre os estudiosos da Bíblia que ensinavam em seminários e faculdades, essa não era a assumida pela maioria dos batistas do Sul. Conseqüentemente, Elliott ficou reconhecido como liberal para uns e neo-ortodoxo para outros (Fransley II, 1994, p. 19).

#### **4. A Reação: A Emergência Fundamentalista: “As Batalhas Batistas”**

Na década de 1980, levando-se em consideração os eventos mencionados, os batistas do Sul constituíam uma denominação dividida. Originalmente havia uma forte tradição conservadora na maioria da denominação. No âmbito da SBC, todavia, haviam alas mais fundamentalistas, por um lado, e mais modernistas, por outro, com ampla diferença de concepções de interpretação bíblica e de prática da vida cristã, que encontraram espaço para crescer. Estas duas correntes diferiam dos batistas do sul que adotavam um ponto de vista mais equilibrado, embora conservador. Enquanto estes conservadores equilibrados regozijavam-se com o desenvolvimento ininterrupto dos programas denominacionais, com o número crescente de membros e com a expansão do trabalho missionário, os batistas da ala liberal ansiavam por transformações rápidas que inserissem a denominação na vanguarda da religiosidade norte-americana, escapando, assim, dos “enclaves provinciais sulistas”. No entanto, justamente esta orientação vanguardista era fortemente temida pela ala fundamentalista da SBC, que a considerava uma patente ameaça à ortodoxia batista do Sul.

#### **5. Os temas essenciais da controvérsia**

Dentre as diversas fontes de conflito entre a ala fundamentalista e a ala liberal dentro da SBC, destacamos em nosso trabalho quatro delas, as quais entendemos fazer parte ativa do núcleo das tensões que envolveram a batalha dos batistas, e que representam bem as divergências de pensamento entre as duas alas. São elas a autoridade da Bíblia, a autoridade pastoral, a agenda política e a vida cristã.

a) Autoridade da Bíblia- A maneira como popularmente os batistas compreendem a função da Bíblia na vida cristã pode ser resumida pela seguinte frase: “Deus disse, nós acreditamos e está decidido”. De fato, Brackney afirma que

Reagindo contra credos e pronunciamentos episcopais e conciliares, os primeiros Batistas asseveraram somente as Escrituras como autoridade em assuntos de fé e prática. Em um sentido duplo, os Batistas ‘crêem na Bíblia e acreditam a Bíblia’ quer dizer, a posição Batista sobre as Escrituras é tanto ontológica como ética (Brackney, 1994, p. 23).

Os batistas têm se destacado de longa data dentre os protestantes devido ao seu conhecimento do conteúdo das Escrituras e seu forte compromisso com a exposição bíblica por meio da pregação e ensino. As confissões de fé dos batistas apresentam suas doutrinas e incluem referências bíblicas selecionadas como confirmação de suas descrições. Os membros da igreja são sistematicamente expostos ao conteúdo bíblico por meio de organizações da igreja local, tais como, por exemplo, Escola Bíblica Dominical e outros grupos de estudo, os quais fornecem ocasião constante para a membresia da igreja conhecer a história e conteúdo da Bíblia. Desde bem novas as crianças recebem ensinamentos bíblicos e são estimuladas a memorizar longas passagens bíblicas. De acordo com Leonard,

A despeito de seu compromisso com a Bíblia, os Batistas diferem sobre como interpretar o conteúdo bíblico e a natureza da própria autoridade bíblica. De fato, a Bíblia está no centro de cada debate, divisão e cisma na vida Batista. Em meio a preocupação com a autoridade bíblica há divisões sobre o significado do texto e o método próprio de interpretá-lo (hermenêutica). Os Batistas prontamente se dividem com outros cristãos e entre si mesmos com respeito às formas pelas quais a Bíblia pode ser compreendida e aplicada. Em outras palavras, os Batistas podem ser o ‘povo do Livro’ (a Bíblia), mas eles não concordam sempre sobre o que ‘o Livro’ na verdade diz ou como ele deve ser interpretado (Leonard, 2005, p. 130).

468

Para os fundamentalistas desta denominação o que se encontrava em questão no conflito com os ditos liberais estava muito bem definido: a verdade intangível da Bíblia. Aqueles que não acreditassem na Bíblia como sendo as verdadeiras e inquestionáveis mensagens de Deus não poderiam estar lecionando nas escolas da denominação, elaborando textos direcionados aos batistas do Sul ou exercendo qualquer outra posição de liderança na SBC.

A maioria esmagadora dos batistas do Sul que se auto-denominam como fundamentalistas ou consevadores (noventa e cinco por cento) concorda que o critério “sonoridade doutrinária” deveria ser o mais importante na escolha de liderança para a denominação.<sup>ii</sup> Para a ala fundamentalista da SBC ser doutrinariamente correto significa “acreditar na Bíblia” como inerrante (Ammerman, 1995, p. 80).

Em reação à controvérsia sobre o texto de Elliott, a SBC votou no encontro anual de 1962 uma resolução que confirmava a fé na Bíblia como detentora de autoridade e inerrância, e opondo-se institucionalmente aos pontos-de-vista que poderiam supostamente minar a

confiança em sua alegada exatidão histórica ou integridade doutrinária enquanto palavra de Deus (Fransley II, 1994, p. 19). Essa postura foi efetivada através de uma reforma na declaração doutrinária da SBC, cujo resultado foi a *Baptist Faith and Message*, de 1962. Esta nova declaração doutrinária configurou-se como o esforço da SBC para apresentar uma resposta às diversas tradições batistas.

Os conflitos entre as perspectivas teológicas liberal e fundamentalista ocorridas no âmbito da *Southern Baptist Convention*, iniciadas na década de 60, teve seu ápice na década de 80, com desdobramentos que resultaram na cisão da referida Convenção no final do século XX. A diferença entre estas perspectivas teológicas divergentes tornou a convivência no mesmo ambiente denominacional inviável, gerando um conflito que veio a culminar com a emergência fundamentalista ao poder na SBC, destituindo os outrora solidamente estabelecidos liberais de suas funções de comando na Convenção.

Este movimento que produziu a mais séria controvérsia ocorrida na SBC desde seu estabelecimento foi chamado por seus arquitetos de “ressurgimento conservador”, os seus opositores o denominaram de “tomada de poder fundamentalista”.

Os batistas do Sul inerrantistas são definidos por Leonard com sendo ao mesmo tempo um movimento sectário que se posiciona contra a cultura secular dominante, exigindo várias formas de ortodoxia, e também um sistema protestante vinculado à cultura, que incorpora elementos desta cultura, ao tempo em que busca dominá-la. E afirma o mesmo autor que

Atualmente muitos batistas fundamentalistas parecem não ter decidido se são dissidentes, posicionando-se contra o secularismo que acreditam ser o sistema religioso não-oficial de uma nação cada vez mais anti-religiosa, ou se são membros do sistema, demandando um certo tipo de privilégio religioso pela sua forma de crer em uma nação historicamente cristã. [Já] os moderados/liberais estão tão incertos sobre seu passado e futuro que parecem não conseguir definir o que, quando ou se devem protestar a respeito de qualquer coisa. A sua busca por um testemunho efetivo persiste (Leonard, 2010, pp. 109, 126).

## PARTE II

### A Teoria da Criação Especial

#### Introdução

A Teoria da Criação Especial (TCE) está diretamente relacionada as posições adotadas pelo movimento do fundamentalismo protestante dos EUA. Assim como este, os proponentes da TCE adotam uma perspectiva inerrantista e literalista das Escrituras,

reafirmando a doutrina da criação conforme as linhas gerais encontrada no livro da Gênese, colocando-se em oposição aos princípios da teologia liberal e da teoria darwinista.<sup>iii</sup>

A TCE pode ser classificada em duas fases, mais ou menos coincidentes com as fases do fundamentalismo protestante dos EUA.<sup>iv</sup> A primeira fase da TCE, coincidindo como a primeira fase do fundamentalismo, ocorre entre os anos de 1870 a 1930. Já a sua segunda fase, que coincide aproximadamente com a terceira fase do fundamentalismo, ocorre desde o início da década de 1960 até o presente momento.<sup>v</sup>

A primeira fase da TCE é marcada pela luta declarada contra a teologia liberal e sua perspectiva crítica de interpretação da Bíblia. É marcada também pelos primeiros conflitos contra os desenvolvimentos então recentes da ideia da evolução propostos por Charles Darwin na sua teoria da seleção natural.

### **1. A origem do conflito**

O criacionismo, enquanto uma concepção sobre as origens do universo e da vida como resultados de um ato criador intencional, é notoriamente encontrado na extensa literatura bíblica do Antigo e do Novo Testamento. Através dos séculos, a tradição hebraica, judaica e cristã tem sustentado esta concepção que se solidificou como um parâmetro geral na cosmovisão elaborada no âmbito da cultura ocidental. Como afirma Jerry Bergman, “até meados do século XIX, praticamente todas as pessoas comuns e pessoas mais educadas do mundo ocidental acreditavam que todos os seres vivos foram deliberadamente criados de acordo com as linhas gerais encontradas em Gênese” (Bergman, 1993, p. 2).

Entretanto, desde o advento da revolução científica iniciada no século XVI observa-se uma gradual perda da auto-evidência da concepção criacionista, conforme estritamente delineada nos textos bíblicos, e o surgimento de outras concepções sobre a origem e o funcionamento do universo e da própria vida. De fato, já desde a teoria copernicana relacionada diretamente ao conflito entre a visão geocêntrica e heliocêntrica no século XVI até a elaboração das teses darwinistas na segunda metade do século XIX, observa-se que a concepção criacionista perde no final deste último século o seu caráter de explicação auto-evidente central acerca da origem da vida e do universo. Com isto tal concepção passa simplesmente a ser, dentre outras coisas, de modo paulatino, apenas uma das possibilidades de explicação sobre a origem da vida.

Além do impacto das teses darwinistas acerca da seleção natural, deve-se considerar outro fator igualmente importante que contribuiu para este descentramento da concepção criacionista das origens. As transformações ocorridas desde o século XVI, no campo da

ciência, da filosofia e da política incidiram não apenas sobre a concepção acerca da origem do universo e dos seres vivos, elas também incidiram sobre o *significado* da Bíblia e, conseqüentemente, sobre a forma de interpretá-la.

Nos séculos XVIII e XIX a crítica moderna questionou a concepção que compreendia a Bíblia como um livro divinamente inspirado. No texto que compôs o capítulo 4 da edição original, de 1907, dos *Fundamentals*, escrito por F. Bettex, em refutação à postura adotada pela crítica moderna, fica evidente a mudança radical na compreensão da natureza e significado da Bíblia, proposta pela referida crítica. Segundo Bettex,

Nesses tempos apareceu uma crítica que, tem se tornado cada vez mais ousada em seu ataque ao livro sagrado, que agora decreta, com toda auto-segurança e confiança, que esse livro é simplesmente uma produção humana. Além de outras falhas encontradas nele, essa crítica declarou que este livro sagrado está cheio de erros, sendo muitos de seus livros espúrios, pois foram escritos por homens desconhecidos em datas posteriores àquelas que lhes são atribuídas (Bettex, 1907).

vi

É justamente devido a esta mudança em relação à compreensão da natureza da Bíblia trazida pela crítica moderna, somada à nova concepção sobre as origens da vida e do universo promovida pelas teses darwinistas, que o final do século XIX e o início do século XX tornaram-se palco dessa marcante e decisiva controvérsia entre o criacionismo e o evolucionismo.

Neste primeiro momento da controvérsia entre estas duas perspectivas (1870-1930), nota-se que o debate foi de caráter eminentemente *teológico* e não científico.<sup>vii</sup> Como lembra Jerry Bergman, “os ministros e pastores do século XIX, muitas vezes criticaram a evolução a partir do púlpito, mas poucos foram os cientistas que se tornaram ativamente envolvidos no movimento anti-Darwin até o início da década de 1920” (Bergman, 1993, p. 3). A controvérsia, de fato, foi entre uma concepção literalista da bíblia que defendia o criacionismo conforme literalmente apresentado nos textos bíblicos e outra concepção chamada de “liberal” ou “modernista” que assumiu os critérios da Alta Crítica e buscava ajustar a interpretação da Bíblia às descobertas e teses propostas pela ciência moderna, inclusive pelo modelo evolucionista darwinista. Conforme indica Barry Hankins,

Enquanto os pensadores evangélicos não foram uniformemente antievolucionistas logo após o aparecimento da *Origem das Espécies* de Charles Darwin, em 1859, os modernistas entusiasticamente abraçaram o modelo evolucionista não apenas no que se refere à biologia, mas também praticamente a todas as outras áreas do conhecimento humano. Aplicada ao cristianismo, a posição modernista significou, sobremaneira, que a Bíblia não era, necessariamente, a autoridade para os cristãos modernos (Hankins, 2008, p. 3).

Na década de 1910, os fundamentalistas assumiram uma postura em defesa da inspiração verbal e literal das Escrituras em oposição aos teólogos liberais. A controvérsia acerca da evolução foi o ponto central e público do debate entre estas duas correntes teológicas no seio das igrejas protestantes dos Estados Unidos naquele período. De um lado, o esforço em reconciliar a teologia evangélica com o evolucionismo – a perspectiva liberal; do outro, o esforço em refutar *teologicamente* o evolucionismo – a perspectiva fundamentalista originária. Assim sendo, neste primeiro momento, a controvérsia criacionismo-evolucionismo assume a forma “fundamentalismo *versus* liberalismo”.<sup>viii</sup>

## **2. A controvérsia sobre o criacionismo: um debate teológico**

Como afirma George Marsden, os protestantes que viveram entre 1865 e 1917 foram confrontados com os mais profundos desafios à sua fé. O secularismo produziu rápidas e imensas mudanças sociais. O darwinismo e a alta crítica modificaram significativamente a percepção da Bíblia enquanto texto de caráter imperativo.

Com o objetivo de recuperar a relevância social e mesmo cultural do protestantismo diante destas transformações pelas quais o mundo estava passando, surge, então, o movimento do liberalismo teológico que pode ser visto como uma das respostas a este cenário de rápidas mudanças societárias. Como bem indica Barry Hankins, a hegemonia do protestantismo evangélico nos Estados Unidos começou a modificar-se no final do século XIX devido justamente ao acolhimento da teologia liberal dentro das principais denominações protestantes do norte deste país. Os adeptos da teologia liberal estavam envolvidos na tentativa de ajustar a teologia cristã ao pensamento moderno, de modo até mesmo a abraçar, de fato, como aconteceu, o modelo evolucionista darwinista e assumir, paralelamente, que a Bíblia não era efetivamente a autoridade *final* para os cristãos modernos. E não apenas isso. Na realidade, para esses atores, a Bíblia representava a forma mais antiga e mais rudimentar de cristianismo (Hankins, 2008, p. 3).

Um texto do final do século XIX fornece-nos uma amostra de como se deram as interpretações do livro de Gênesis, especialmente no que se refere ao relato acerca da criação, no âmbito da teologia liberal, e, ao mesmo tempo, verificar o cuidado com que o autor teve em ajustar as narrativas bíblicas às demandas da modernidade. A referida obra é o livro *The Expositor's Bible: The book of Genesis*, do teólogo escocês e ministro da Igreja Livre da Escócia, Marcus Dods, publicado em 1891. Nele, Dods indica claramente a utilização dos pressupostos básicos da alta crítica em sua análise do livro de Gênesis, como se pode perceber no trecho abaixo:

Está claro que o compilador desse livro de Gênesis não visava um rigor científico ao falar de detalhes físicos. Em geral esse não é o propósito dos escritores bíblicos, sobretudo desse que nesses primeiros dois capítulos de seu livro estabelece, lado a lado, dois relatos da criação do homem. Esses dois relatos, incompatíveis em detalhes, mas absolutamente harmoniosos em suas ideias principais, indicam para o leitor que o objetivo do escritor é o de transmitir certas ideias sobre a história espiritual do homem e sua conexão com Deus através da descrição do processo de criação. A intenção do escritor não é descrever como se deu o *processo* da Criação, mas descrever as ideias a respeito da relação do homem com Deus e a relação de Deus com o mundo que ele pôde assim transmitir. Na verdade aquilo que entendemos por conhecimento científico não estava no pensamento das pessoas para quem este livro foi escrito. O tema da criação, do início do homem sobre a terra, não foi abordado a partir desse tipo de conhecimento científico; e se quisermos entender o que está escrito aqui é preciso romper as amarras dos nossos próprios modos de pensar e ler esses capítulos não como declarações cronológicas, astronômicas, geológicas, biológicas, mas como uma declaração moral ou espiritual (Dods, 1891).

Em primeiro lugar chama a atenção o uso da palavra “compilador” (“*compiler*”, no original inglês). Na perspectiva da alta crítica, a autoria do livro de Gênesis, atribuída tradicionalmente a Moisés, é questionada. E não apenas isso. Entende-se aqui que o livro de Gênesis, assim como todo o Pentateuco, é o resultado de um processo de compilação de vários textos de diferentes tradições.<sup>ix</sup> Dods, ao utilizar a expressão “o *compilador* deste livro de Gênesis” onde poderia se esperar a expressão “o *autor* deste livro de Gênesis”, revela claramente suas afinidades eletivas com os pressupostos da crítica moderna.

Mediante este exemplo pode-se verificar os principais desafios propostos pela teologia liberal à fé protestante nos Estados Unidos, que enfrentava grandes desafios devido as significativas mudanças sociais ocorridas naquele período, sobretudo diante do desafio da teoria darwinista que além de assistir mudanças na sua hegemonia social, política e cultural, via-se profundamente interpolada pela teoria darwinista e suas emulações. Sem dúvida, no que diz respeito à controvérsia criacionismo-evolucionismo, a tentativa da vertente liberal do protestantismo norte-americano, tal como se deu na Europa, foi a de tentar uma aproximação entre a fé protestante e a ciência moderna.

## **BIBLIOGRAFIA**

Livro:

- AMMERMAN, Nancy Tatom. *Baptist battles: social change and religious conflict in the Southern Baptist Convention*. 2<sup>nd</sup> ed. New Jersey: Rutgers University Press, 1995.
- BRACKNEEY, William H. *The Baptists*. Westport: Greenwood Press, 1994.
- DRAPER, J. T. & KEATHLEY, K. *Biblical authority: the critical issues for the body of Christ*. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2001
- ELIOT, Charles W. *The religion of the future*. Whitefish: Kessinger Publishin, 2005
- FORLINES, F. Leroy. *The quest for truth: answering life's inescapable questions*. Nashville: Randall House Publications, 2001

- GARRET, James Leo. *Baptist Theology: a four-century study*. 1<sup>st</sup> ed. Macon, Georgia: Mercer University Press, 2010.
- ELLIOTT, Ralph M. *The message of Genesis*. Nashville: Broadman Press, 1961.
- FARNSLEY II, Arthur Emery. *Southern Baptist politics: Authority and Power in the restructuring of an american denomination*. University Park: Pennsylvania State University Press, 1994.
- HEFFLEY, James C. *The conservative resurgence in the Southern Baptist Convention*. Hannibal, Missouri: Hannibal Books, 1991
- \_\_\_\_\_. *The truth in crisis: the controversy in the Southern Baptist Convention*. 3<sup>rd</sup> ed. Hannibal, Missouri: Hannibal Books, 1988
- JONAS, Jr., W. Glenn (ed.) *The Baptist river: essays on many tributaries of a diverse tradition*. 1<sup>st</sup> ed. Macon, Georgia: Mercer University Press, 2006
- LEONARD, Bill J. *Baptists in America*. New York: Columbia University Press, 2005
- \_\_\_\_\_. *The challenge of being Baptist: owing a scandalous past and an uncertain future*. Waco, Texas: Baylor University Press, 2010
- QUEEN II, E. L. et al. *Encyclopedia of American religious history*, vol.1, 3<sup>rd</sup> ed. New York: Infobase Publishing, 2009.
- RAY, Susan. *The Baptist way*. Dallas: Baptist General Convention of Texas, 1975
- SUTTON, Jerry. *The Baptist reformation*. Nashville: Broadman & Holman Publishing, 2000.
- WEAVER, C. Douglas. *In search of the New Testament church: the Baptist history*. Macon, Georgia: Mercer University Press, 2008;
- BERGMAN, Jerry. *A Brief History of the Modern American Creation Movement. Contra*
- DODS, Marcus. *The Expositor's Bible: The book of Genesis*. London: Hodder & Stoughton, 1891.
- DRIVER, S. R. *The book of Genesis*. London: Methuen & Co., 1903.
- ELIOT, Charles O. *The future of religion*. Harvard Theological Review, 1909.
- ELLIOT, Ralph H. *The message of genesis*. Nashville, Tennessee: Broadman Press, 1961.
- \_\_\_\_\_. *The Genesis Controversy and continuity in Southern Baptist chaos*. Georgia: Mercer University Press, 2005.
- ENGLER, Steven. *O Criacionismo*. In: Eduardo CRUZ. *Teologia e ciências naturais: teologia da criação, ciência e tecnologia em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- FRAZER, James George. *Folk-Lore in the Old Testament*. London: Macmillan and Co., 1918.
- GUNKEL, Hermann. *The Legends of Genesis*. Chicago: The Open Court Publishing Co., 1901.
- HAGUE, Canon Dyson. *A história da alta crítica*. In: TORREY, R. A. *Os Fundamentos: a famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais*. São Paulo: Hagnos, 2005
- HANKINS, Barry. *Evangelicalism and fundamentalism, a documentary reader*. New York University, 2008.
- \_\_\_\_\_. *American evangelicals. A contemporary history of a mainstream religious movement*. New York: Ed. Rowman & Littlefield Publishers, 2008.
- LINDSEY, Hal. *The 1980s: Countdown to Armageddon*. Grand Rapids, Mich, 1980.
- MARSDEN, George M. *Understanding fundamentalism and evangelicalism*. Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1991.
- MARTY, Martin E. and APPLEBY, R. Scott. *Fundamentalisms Comprehended*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2004.
- RILEY, William B. *The menace of Modernism*. New York: Alliance Publishing, 1917.
- \_\_\_\_\_. *The World's Christian Fundamentals Association and the Scopes Trial*. Christian Fundamentals in School and Church 7, 1925.
- RYRIE, Charles C. *What you should know about inerrancy*. Chicago: Moody Press, 1981.

Capítulo de livro:

ORR, James. *As sagradas escrituras e as negações modernas*. In: TORREY, R. A. *Os Fundamentos: a famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais*. São Paulo: Hagnos, 2005

Artigo na internet:

BAYLOR will allow non-baptists on its board. Disponível em: <[http://www.insidehighered.com/news/2011/02/14/baylor\\_will\\_allow\\_non\\_baptists\\_on\\_its\\_board](http://www.insidehighered.com/news/2011/02/14/baylor_will_allow_non_baptists_on_its_board)>. Acesso em: 11.09.2013

IDENTITY in crisis. Disponível em: <http://www.baylor.edu/alumni/magazine/0304/news.php?action=story&story=2168>. Acesso em: 11.09.2013

*Mundum*, N° 7 Spring 1993. Disponível em:

<<http://www.asa3.org/ASA/resources/CMBergman.html#Research>>. Acesso em: 25 jul. 2011.

BETTEX, F. *The bible and modern criticism*. Disponível em:

<<http://fundamentalists.whybaptist.com/chapterfour.aspx>>. Acesso em 05 mai. 2011.

*Bill for establishing religious freedom in Virginia*. Disponível em:

<[www.religioustolerance.org/virg\\_bil.htm](http://www.religioustolerance.org/virg_bil.htm)>. Acesso em: 15 set. 2010.

---

i Crawford Howell Toy foi o primeiro professor batista do Sul a perder sua posição como docente em uma instituição de ensino teológico da SBC em virtude de apoiar e difundir o método histórico-crítico no estudo da Bíblia. Ver C. Douglas Weaver. *In search of the New Testament Church*, p. 172.

ii A expressão “sonoridade doutrinária” é utilizada pelos batistas do Sul como sinônima de correção doutrinária, ou ortodoxia. Na perspectiva fundamentalistas tal expressão se aplica aos que defendem a inerrância da Bíblia. F.Leroy FORLINES. *The quest for truth*, p. 167.

iii Para Steven Engler, o criacionismo é um fenômeno fundamentalista porque não somente sinaliza uma afirmação positiva, isto é, que certa doutrina da criação é a única verdadeira, mas também que outras crenças são falsas e perigosas. Ver: Steven ENGLER. *O Criacionismo*, p. 233.

iv George Marsden indica o período entre 1870 e 1930 como o período que marca a primeira fase, ou o surgimento do fundamentalismo protestante norte-americano. Ver: George MARSDEN. *Understanding fundamentalism and evangelicalism*. pp. 9-61. Já R. Scott Appleby sugere o período entre 1875 e 1925 como o período da primeira fase do fundamentalismo. O período de 1925 a 1975, como o período correspondente a segunda fase do fundamentalismo, considerada também como a fase do “desenvolvimento” fundamentalista. E o último período, de 1975 até o presente, correspondendo à terceira fase ou a também denominada “segunda emergência pública” do fundamentalismo. Ver: Gabriel A. ALMOD, Emmanuel SIVAN, R. Scott APPLEBY. *Examining the Cases*, pp. 451 e 461.

v Neste artigo nos propomos a analisar apenas a primeira fase da TCE, ou seja, o conflito teológico entre a perspectiva fundamentalista e liberal.

vi F. BETTEX. *The bible and modern criticism*. Disponível em:

<<http://fundamentalists.whybaptist.com/chapterfour.aspx>>. Acesso em 05 mai. 2011.

vii Cf. Barry HANKINS. *Evangelicalism and Fundamentalism: A documentary reader*, p. 71

viii Conforme indicam Gabriel A. Almond, Emmanuel Sivan e R. Scott Appleby “o fundamentalismo protestante nos Estados Unidos teve sua primeira emergência entre os anos de 1875 e 1925, período marcado pela invasão do secularismo, especialmente na forma do liberalismo religioso que abraçou o Darwinismo e a Alta Crítica das Escrituras” Ver: *Fundamentalism: Genus and Species*. In: Martin E. MARTY and R. Scott APPLEBY. *Fundamentalisms Comprehended*, p. 462.

ix A discussão sobre a perspectiva da alta crítica acerca do processo de compilação dos textos que resultaram no livro de Gênesis, bem como de todo o Pentateuco pode ser vista nas obras dos teólogos protestantes alemães Johann Gottfried Eichhorn, Karl David Ilgen e Wilhelm Martin Leberecht de Wette. Ver: Ralph H. ELLIOTT. *The Message of Genesis*, p. 3-7.